

PREFÁCIO

Porquê eu?

Perguntei-lhe. Entre outros argumentos, tão sonoramente apazíveis, soltou-se este «é tudo uma intuição sobre um lado profundo em ti, uma intuição que me lerias bem...».

Pois, e li. De um golo só. Como se de um *interrail* interior ou interno se tratasse. Com paragens obrigatórias publicamente desconhecidas da autora que provocam uma necessidade urgente de continuar viagem. Nesse itinerário onde nós, leitores, inevitavelmente nos sentimos convidados a ouvir mas sem transtornar. Sem fazer barulho. Apenas devemos juntar as peças que nos suscitam as leituras repetidas das canções, dos poemas, dos silêncios e dos olhares, para ficarmos a conhecer melhor quem nos chega sempre que nem uma flecha, direta ao coração.

E é incrível como, quando nos deitamos nas suas palavras e desenhos, ficamos colados ao olhar da nossa Márcia, esta menina mulher, que tem a doçura que falta ao mundo. O talento que acrescenta o mundo. A vontade de se querer aproximar de todas as pessoas, de todas as cores e feitios, vontade que curaria os males do mundo.

Nestas suas estradas, ficamos tão pertinho do seu pai que desejamos outro fim para esta espécie de biografia.

Estas *As estradas são para ir*, são mesmo para ir porque não têm dois sentidos e o sentido escolhido pela Márcia é tão

despretensioso e tão honesto, é tão simples e tão intenso. É tão transparente que quase poderia deixar uma poeira de fragilidade, mas numa curva inesperada, eis que chega a fortaleza erguida de uma história de infância que deixa marcas. Todos temos as nossas. Mas são poucos os que as revelam em forma de poesia e inspiração.

Este livro é um presente para se usar com delicadeza mas para se ler e reler muitas vezes. Porque é bom. Bom companheiro. Porque comove. É um livro para se ouvir. A beira mar pode ser o cenário ideal. Não perfeito. Porque a perfeição não existe e porque há sempre outros lugares ideais.

Existem pessoas assim, que de tão generosas que são, se nos oferecem e era tão bom que a humanidade tivesse essa vontade de oferecer o seu melhor. A estas pessoas especiais damos as mãos para seguir viagem. E tudo fica muito mais perto da perfeição. Dessa verdade em vias de extinção.

Obrigada Márcia. A poesia é um elixir para o suspiro. Tu és toda poesia.

CATARINA FURTADO

NOTA DE AUTOR

Foi por um desafortunado pequeno acidente que voltei a escrever poemas. Eles, que eram a minha primeira forma de expressão escrita, foram sendo substituídos à medida que encontrava nas canções tudo aquilo, e mais, que me dava a escrita de poemas; o desabafo, a beleza, a sublimação.

Por altura da gravidez e nascimento do meu segundo filho, o cansaço das noites sem dormir, acumulado com alguns concertos que continuavam a acontecer, a insistência em continuar a trabalhar, o esforço vocal ou mesmo o calor atípico daquele ano — ninguém sabe ao certo —, fez inchar um pequeno vaso na minha garganta, que pousou nas minhas cordas vocais, impedindo a minha voz de soar.

Depois de alguns meses de tentativa de tratamento e medicação, lidei com a evidência de que só a cirurgia resultaria. Nesses meses de espera e incerteza, reflecti muito. Eu achava que, pelo facto de poder escrever também canções para outros brilhantes intérpretes, não me seria essencial e vital o acto de cantar.

Quando me vi privada da minha voz, porém, no vislumbre de não a poder recuperar, percebi o quanto estava enganada; era imprescindível cantar. Porque cantar é um alívio, uma cura recíproca, uma sintonia entre o meu mundo interior e tudo o que está cá fora.

Nesses meses de dúvida, de insegurança e de espera, escrevi muitos poemas.

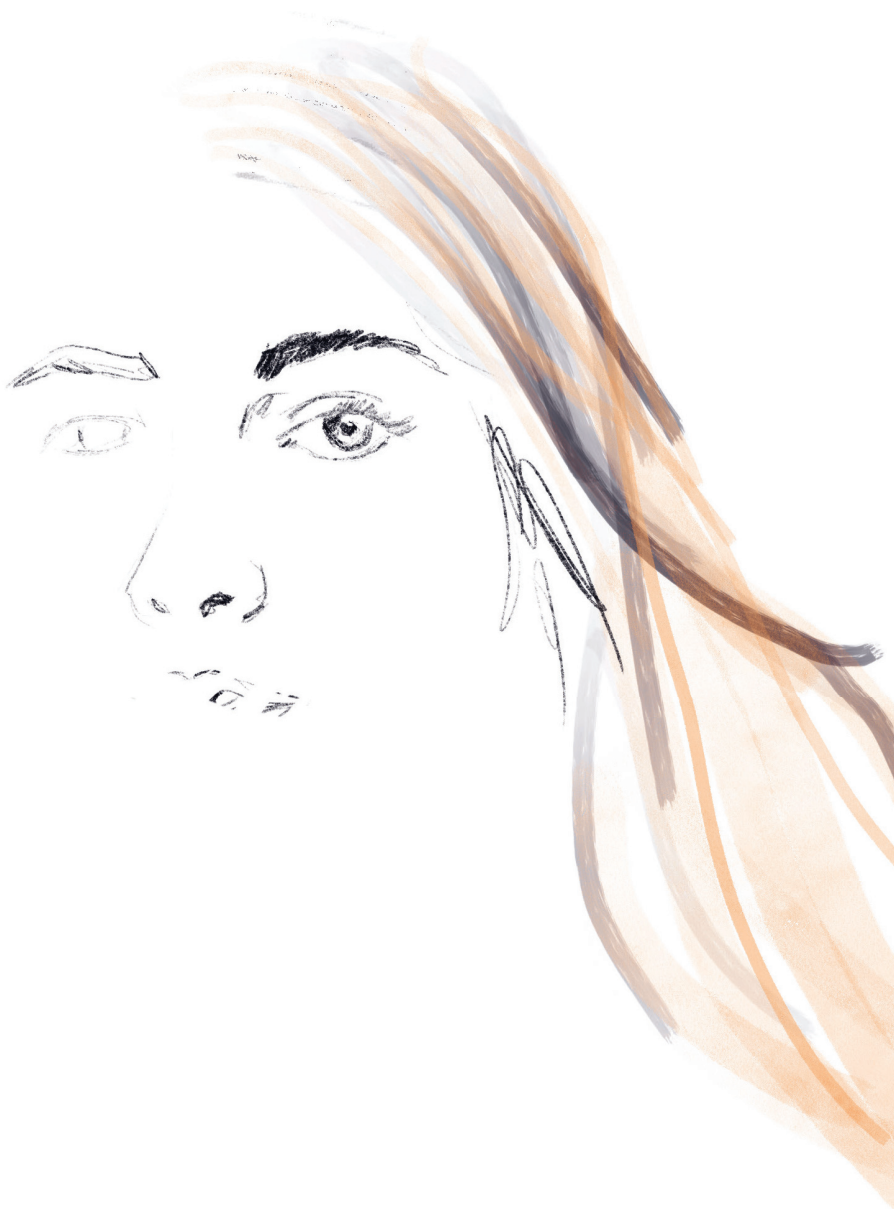
No meio do silêncio, descobri outro som precioso; uma voz interna que já não ouvia há muito.

Alguns textos que tive a necessidade de juntar a esta recolha de poemas, uns trechos de canções e mais uns poemas antigos, compõem o sentido deste livro. As canções estarão em itálico, para que o leitor as possa reconhecer facilmente e saber que estão disponíveis para ouvir, à distância de um clique. Os desenhos que fiz exclusivamente para este livro acompanham todos os textos, finalmente, com o seu lugar devido.

Considero-o um auto-retrato, tão rico ou incompleto como outros que fiz, em desenho, ao longo da vida e dos anos em que frequentei o curso de Pintura da FBAUL.

Que ele encontre os recantos mais escuros e os mais luminosos no coração de quem o lê, e que lá chegue pela generosidade do entendimento.

Aquele que nos ouve é um precioso lugar.



Um dia
aquela vasta capa de veludo
— um dia bastou para saber
que estava gasta e
não podia mais cobrir;

de alento os meus desgostos,
de beleza os meus suspiros,
de suavidade
a bruta zanga da perda
e de sobriedade
os meus devaneios.

Era a perda das perdas,
perder a minha capa de veludo.
Que macia ficava a vida
só de a pousar no sítio certo.

Fui então de seda fina
pra não me ver a descoberto.

A MARCA DO PAI

O autor da primeira frase do livro que escrevo é o meu Pai. Quero por isso apresentá-lo um pouco. Ele vai aparecer ao longo deste livro, assim como aparece muitas vezes no meu discurso falado, em vários textos, em memórias e, sobretudo, em secretos pensamentos basilares que me definem.

Não será fácil transmitir a importância de uma pessoa nas nossas vidas.

Em crianças creio que guardamos quem nos dá maior sentido de proteção, amor, e quem nos ouve a alma.

Podia ter seguido inúmeras áreas de profissão, mas escolhi seguir a área que mais se aproximasse das emoções, da Arte, da beleza. A área em que se escuta o Ser interior.

Porque o meu Pai pintava e eu não encontrava profissão com maior encanto, e mais dignificante, que aquela que acrescenta beleza ao mundo.

Foi o meu Pai que me motivou em tudo o que escolhi para seguir no meu caminho, por mostrar-me possibilidades e liberdade para o fazer.

Tenho-o por isso como um mestre interno, uma figura perene e firme, que sempre me motivará a escolher a alegria, perante a evidência da tristeza.

O meu Pai era mais velho que os outros Pais das outras crianças. Eu tinha muito medo de o perder antes do tempo. Ele próprio parecia não gostar muito de ver o tempo passar depressa, e por isso recusava-se a festejar o seu aniversário.

Amava a vida, e gostava de estar rodeado de pessoas. Detestava os sítios desertos, detestávamos juntos o domingo.

Quando havia trovoada ia buscar-nos, até a meio da noite, para «assistirmos ao espectáculo da natureza».

Associei assim a trovoada a uma coisa bonita, mágica. E aprendi que ganhamos algo precioso quando confrontamos o medo.

Quando a minha mãe saiu de casa, éramos nós duas adolescentes, o meu Pai, com o *só seu* sentido de humor, autonomou-se «Pãe».

Cuidámos uns dos outros numa casa cansada, escura, pesada.

A sua voz é permanente, mesmo depois do dia que, desde miúda, tanto temia que chegasse; foi a 21 de Fevereiro de 2019. A última vez que o visitei fora dois dias antes, no dia do meu 37.º aniversário.

Mostrei-lhe o Mar no meu telemóvel, que tinha filmado nessa mesma tarde, na Praia Grande. Ele disse «Até parece que sinto o cheiro».

O Mar é o substituto mais completo para todas as perdas, o maior ouvinte e confidente, o amigo que não desaparece nunca, a tela sempre limpa onde podemos rever memórias e construir sonhos.

Eu prometi-lhe, naquele dia do meu aniversário, que eu ficaria bem.

Quando era muito pequena, contaram-me, estive para morrer duas vezes. Uma por asfixia em reacção a um medicamento;

outra porque caí numas escadas de pedra. Esta última, com nove meses, dizem que foi permitida pelo olhar distraído do meu Pai. O meu Pai era um alentejano que amava Lisboa (o que fez de mim uma lisboeta que ama o Alentejo) e dizia-se — por causa dessa mania de julgar colectivamente quem nos é alheio — que os alentejanos eram desatentos e preguiçosos. O meu Pai via os alentejanos como sábios, que descansam à sombra de um belo sobreiro quando o sol ardente não lhes permite fazer mais nada. Eu também.

Não obstante, sei que guardou no coração o episódio das escadas, que me valeu uma cicatriz bem definida na testa, como culpa sua. Dizia-me várias vezes que a «marca do Pai» era o meu charme. Dizia-me também que eu só tinha sobrevivido às duas experiências porque eu era «uma força da natureza», determinada a **escolher a vida**.

Eu acho que essa é uma marca que bem me define.

*Onde quer que o mar assente
Onde quer que a maré vá
Levo o mar comigo
e o mar me levará*

*Água que toca na gente
Gente que nos deixa cá
quero que o mar seja abrigo
se o sol me faltará*

*Quero que a água
leve o que há-de levar*

*E tudo pode ser diferente
Ou tudo ficar como está
Eu vou atrás
E chego à frente
Conforme ao mar lhe dá
Aonde for
que o mar me leve
eu quero guardar para mim
A força do mar onde eu vim*

